

**A natureza urbana no imaginário sociocultural norueguês:
novas perspectivas sobre a paisagem dos espaços verdes na cidade de Oslo, Noruega**

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA
PAISAGEM

CATEGORIA: ARTIGO ACADÊMICO CIENTÍFICO

Autora: Clara Maria Santos de Lacerda/ Universidade Federal Fluminense/ claradelacerda@gmail.com

RESUMO

A presença de componentes de vegetação na paisagem das cidades, que faz parte da chamada natureza urbana, pode ser considerada como um caminho para a compreensão da posição cultural do meio ambiente na consciência social e urbana contemporânea. Dessa maneira, a presente pesquisa teve por intuito analisar como a natureza urbana no contexto das práticas urbanas de Oslo, capital da Noruega, se caracterizou por um amplo processo histórico e sociocultural de formação das cidades desse país escandinavo. Sendo assim, a pesquisa visou especificar que tipos de ações foram feitas ao longo do século XX e nesse início do século XXI, e que culminaram na titularização de Oslo como a Capital Verde da Europa em 2019, além de refletir sobre a relevância dos espaços verdes no cotidiano dos habitantes, se conectando ao discurso cartográfico local sobre a natureza urbana. A metodologia envolveu a análise de fontes primárias e secundárias, incluindo entrevistas com moradores da cidade e a urbanista norueguesa Ellen de Vibe. Os resultados dessa investigação apontam para a pertinência da natureza dentro do panorama cultural norueguês, repercutindo nas dinâmicas socioculturais de planejamento urbano e a maneira pela qual o espaço urbano é permeado de distintas percepções da paisagem.

PALAVRAS-CHAVES: sociabilidade; natureza urbana; paisagem; percepção ambiental; Noruega.

ABSTRACT

The presence of vegetation components in the city landscape, which is part of the so-called urban nature, can be considered as a path to understanding the cultural position of the environment in contemporary social consciousness. Thus, the present research aimed to analyze how urban nature in the context of urban practices in Oslo, capital of Norway, was characterized by a broad historical and sociocultural process of formation of cities in this Scandinavian country. Therefore, the research aimed to specify what types of actions were carried out throughout the 20th century and the currently 21st century, which culminated in Oslo becoming the Green Capital of Europe in 2019, in addition to reflecting on the relevance of green spaces in the daily lives of the inhabitants. The methodology involved the analysis of primary and secondary sources, including interviews with city residents and the Norwegian urban planner Ellen de Vibe. The results of this investigation point to the relevance of nature within the Norwegian cultural panorama, impacting the sociocultural dynamics of urban planning.

KEYWORDS: sociability; urban nature; landscape; environmental perception; Norway.

1 INTRODUÇÃO

A Noruega faz parte do norte europeu e, em conjunto a outros países como Suécia e Dinamarca, constitui a península da Escandinávia. O país norueguês tem cerca de 5,408 milhões de habitantes, e é caracterizado por invernos de baixas temperaturas e verões amenos, com a

ocorrência do famoso sol da meia noite. Apesar de não parecer, a Noruega tem uma grande extensão territorial, sendo amplamente considerada a segunda maior zona costeira do mundo.

Oslo, capital do país, se situa na região sudeste, e possui uma população de aproximadamente 702,543 mil habitantes, segundo dados do Instituto de Estatística da Noruega em 2022. Mas se considerarmos a cidade em conjunto a sua região metropolitana, esse número passa da casa de 1 milhão de pessoas (um terço da população total do país). Por se localizar numa das extremidades do fiorde, Oslo guarda uma relação histórica com esse ambiente geográfico, onde a formação da cidade teve grande influência das dinâmicas econômicas pós revolução industrial, e o espaço urbano foi se moldando ao mesmo tempo em que os corpos hídricos serviam para transportar a madeira retirada da floresta para a área portuária, insumo que nos séculos XVIII e XIX se constituía como a base econômica local: além de ser uma importante fonte energética, a madeira era útil aos setores construtivos, tendo em vista que muitas edificações de pequeno e médio porte eram feitas com esse material (SYSE, 2016).


No contexto sociocultural norueguês, as florestas possuem uma reconhecida importância, datando de séculos (SYSE, 2016). Isso pode ser explicado pelos aspectos geográficos do país, caracterizado por muitas regiões montanhosas e de acesso complicado, sobretudo durante os meses de inverno. Nesse sentido, a expansão da urbanização ocorreu de maneira lenta, segmentada e concentrada em pequenos núcleos, nos quais as áreas florestadas e os rios constituíam o único meio de conexão entre pequenos vilarejos do interior.

Além disso, entre os séculos XVIII e XX, as florestas foram ganhando ainda mais relevância, por conta da ideia de *friluftsliv*, isto é, *vida ao ar livre* em português, disseminada no meio cultural da sociedade. Exponentes da literatura e da pintura retratavam o *friluftsliv* como uma total imersão e experiência do ser humano na natureza, estando ligado ao bem-estar físico, mental e até mesmo espiritual das pessoas (ELGVIN, 2009). Nessa perspectiva, escritores como Henrik Ibsen (1828-1906) e pintores como Nikolai Astrup (1880-1928), Harald Sohlberg (1869-1935) e Edvard Munch (1863-1944), produziam obras nas quais os temas e/ou personagens se encontravam intrinsecamente conectados à paisagem, de maneira que seus sentimentos e percepções se mesclavam ao ambiente no qual eles eram retratados, seja por meio de recursos narrativos na literatura, seja por meio do uso de uma paleta de cores expressiva nas pinturas.

Figura 1: Reprodução da pintura *Solen* (o sol), de Edvard Munch, 1911



Fonte: Cartão postal disponível em arquivo pessoal, 2019



Dessa forma, o termo servia, sobretudo, para identificar as sensações que se tem numa natureza afastada dos grandes conglomerados urbanos (ELGVIN, 2009). Mas isso mudou. Ainda que a essência do conceito de *friluftsliv* representasse um tipo de experiência extraordinária entre o ser humano e seu meio, em uma natureza distante do que é comumente considerado *urbano*, o termo foi se expandindo a partir do século XX, com o desenrolar de novas dinâmicas socioculturais no país, nas quais o espaço urbano passou a englobar projetos que permitiam o desenvolvimento de experiências diárias de *friluftsliv* em meio a natureza urbana, como parques, corredores verdes, bosques, florestas e rios urbanos (SKJEGGEDAL; VISTAD; THORÉN, 2019, p. 2-3).

Sendo assim, essa conjuntura sociocultural dos espaços urbanos noruegueses, teve plena influência na implementação de uma vasta rede de áreas florestadas na malha urbana de Oslo, idealizada sobretudo durante o século XX, por intermédio de movimentos do nacionalismo e romanticismo norueguês, que buscavam materializar a identidade cultural do país de todas as formas, inclusive no espaço urbano da capital, através da conservação de espaços verdes para o convívio dos habitantes com esses locais (SYSE, 2016).

Mas para ir além da descrição sobre a relevância do *friluftsliv* na vida social de Oslo, dentro do panorama histórico do contexto cultural norueguês, é importante pensar sobre outros aspectos que influenciaram o planejamento e a gestão da natureza urbana dessa cidade. Por exemplo, que tipos de ações foram feitas ao longo do século XX e nesse início do século XXI, e que propiciaram o título de Capital Verde da Europa em 2019? Qual a pertinência dos espaços verdes no cotidiano das pessoas atualmente? De que maneira isso se conecta ao discurso da mídia local sobre a natureza em Oslo? Essas são questões levantadas durante algumas etapas de pesquisa do mestrado acadêmico em Arquitetura e Urbanismo (realizado entre os anos de 2020 e 2022) e que me proponho a discutir na presente publicação.

2 METODOLOGIA

O caminho metodológico desta pesquisa foi transdisciplinar, envolvendo teorias e conceitos relativos à sociologia, geografia e ao urbanismo, para compreender justamente a paisagem sob a perspectiva do espaço vivido e sua relação à gestão, além de uma ampla pesquisa sobre a história da Noruega e do espaço urbano de Oslo. Durante a investigação, foram coletadas entrevistas com habitantes e com a urbanista sênior Ellen de Vibe, profissional que ocupou o cargo de chefia da Agência de Planejamento Urbano e de Serviços de Construção da cidade ao longo de 20 anos, sendo uma das precursoras do projeto “*Fjord City*”, de requalificação da zona portuária em Oslo.

Sendo assim, o embasamento teórico utilizado contribuiu para a analisar essa natureza urbana¹ distinta a partir de novas perspectivas contemporâneas, e as categorias de análise utilizadas foram: a *sociabilidade* e a *gestão*, com o propósito de examinar a extensão da pesquisa, e como o caso de Oslo pode ser interessante à outras investigações acadêmicas que lidem com a dimensão humana das paisagens urbanas.

O uso da bibliografia foi subdividido em *fontes primárias* e *secundárias*, de acordo com o tipo de informação a ser obtida. Nesse caso, as fontes primárias englobaram: documentos históricos;

¹ Aqui ambas as terminologias natureza urbana e espaços verdes designam os espaços intraurbanos com presença de espécies vegetais (podendo também indicar a presença de corpos hídricos).



artigos e livros de cunho original e inédito; dados obtidos em websites e redes sociais oficiais de setores do governo e do turismo, além de entrevistas. Já as fontes secundárias, englobaram: artigos de revisão de literatura e livros baseados na descrição de investigações já divulgadas em outros meios.

3 CONTEXTO DE CRIAÇÃO E MANUTENÇÃO DO SISTEMA DE ESPAÇOS VERDES

Jørgensen (2018, p. 254), afirma que no decorrer do século XIX, a Noruega não tinha uma tradição histórica na elaboração de parques e jardins por todos os cantos do país (JØRGENSEN, 2018). Ainda segundo o autor, o que existia era uma situação peculiar dos cidadãos construírem seus próprios parques ou pequenos jardins urbanos, por meio de associações de moradores, ou por meio da Corte Real, como a vizinhança de Bygdøy, idealizada, pela realeza em 1837, como um espaço público de transição entre a *Oslomarka* (floresta urbana que circunda Oslo) e a área portuária (JØRGENSEN, 2018; THOREN, 2016).

Por volta do ano de 1814, a cidade era denominada *Christiania*, e fazia parte do reino Sueco-Norueguês. Nesse período, Oslo possuía em torno de 10 mil habitantes, lhe faltando, dessa forma, as estruturas políticas e econômicas essenciais para a plena formação de parques. Isso é amplamente distinto do que aconteceu em países da Europa Continental, que possuíam extensas monarquias. Sendo assim, tendo em vista que a Noruega não era conhecida por seus suntuosos castelos, não havia uma tradição com relação ao paisagismo em jardins reais, que poderiam vir a se tornar um parque público durante a expansão urbana (exceto o *Slottsparken*, fundado em 1840).

Em contraposição, no século XX ocorreu uma virada nas práticas urbanas norueguesas, onde novas infraestruturas foram sendo idealizadas no âmbito do planejamento e da gestão, com o objetivo de conferir à cidade uma imagem verde, relacionada a paisagem urbana permeada por uma ampla estrutura de parques. Mas, mais do que apenas representar uma imagem no sentido iconográfico e estético do termo, o intuito era o de propiciar locais de natureza urbana de fácil acesso, próximos às áreas residenciais, para que as pessoas pudessem efetivamente conviver com esses espaços.

Nessa época, a arquitetura da paisagem enquanto profissão, no contexto social do país, atingiu uma posição fundamental para o planejamento e o desenho urbano. De maneira oposta ao que ocorreu na Europa continental, onde a tradição paisagística é mais longínqua, na Noruega, a profissão de arquiteto paisagista teve suas bases de fundação no começo do século XX, e desde o início, foi marcada por um ensino universitário em prol da crescente urbanização do país (JØRGENSEN, 2011).

Esse fato se relaciona às políticas públicas que formaram a base da social-democracia norueguesa e possibilitaram o estado de bem-estar-estar social presente na Noruega até a contemporaneidade (JØRGENSEN, 2011). A ideia primordial era a igualdade comunitária, na qual a tarefa dos profissionais do paisagismo e da horticultura, era o de projetar e manter áreas urbanas que beneficiassem os cidadãos de maneiras semelhantes. Nesse sentido, as práticas urbanas passaram a fazer parte de um conjunto de regras e legislações instituídas nas políticas públicas, para promover o direito ao acesso público, denominado de *allemannsretten* (JØRGENSEN, 2011, p. 254).

3.1 O chefe-jardineiro em sintonia à população

Marius Røhne foi um arquiteto paisagista norueguês e um dos importantes nomes na guinada verde da cidade de Oslo. Em 1916, com a implementação do Departamento de Parques, ele foi



nomeado o chefe responsável pelo planejamento dos espaços verdes, cargo exercido até o ano de 1948 (THOREN, 2016; JØRGENSEN, 2018). Amplamente considerado no meio acadêmico como o primeiro arquiteto de paisagens da Noruega (JØRGENSEN, 2018, p. 255), Røhne se empenhou em tornar Oslo uma cidade atual, mas ao mesmo tempo verde, seguindo os preceitos de Frederik Law Olmsted nos Estados Unidos.

Durante a sua gestão, a expansão urbana, que antes era fragmentada e dispersa, foi progressivamente assumindo uma vertente mais sistemática, na qual a cidade foi considerada a partir da geografia (geomorfologia) e dos aspectos socioculturais. Dessa maneira, foram desenvolvidos espaços verdes e públicos tanto em áreas historicamente mais pauperizadas, localizadas ao leste da cidade, ao longo do rio Akerselva, como em áreas consideradas mais nobres, próximas aos bairros ao norte, como Frogner e Majorstuen.

Sendo assim, Røhne pretendia construir uma efetiva 'cultura de parques', com o objetivo de promover bases concretas para os habitantes da cidade se sentirem pertencentes à paisagem urbana, contribuindo também para a manutenção desses espaços por parte da própria população, que estaria envolvida na gestão a nível local, e sendo apoiada por pesquisas científicas sobre botânica, para garantir que o plantio de espécies fosse condizente ao clima e adequado ao meio urbano (SYSE, 2016; JØRGENSEN, 2018).

Cabe ressaltar que a relevância dos parques e demais espaços florestados foi fruto de um movimento em conjunto entre o Departamento de Parques, chefiado por Røhne, e o Setor de Planejamento Urbano, sob a liderança do planejador urbano Harald Hals (de 1926 a 1947), profissional que teve uma participação primordial na modernização da cidade e na integração das áreas residenciais aos novos espaços verdes, a partir do pensamento oriundo do movimento das cidades jardim e do bioregionalismo. Para Hals, assim como Røhne, o elemento arbóreo da paisagem era essencial para a vida cotidiana nas urbes, tendo em vista que eles possibilitavam um espaço de sociabilidade para as pessoas, ao mesmo tempo em que forneciam benefícios ao ecossistema urbano.

Foi neste período que a Oslomarka, a floresta urbana de Oslo, apareceu pela primeira vez como um elemento no plano diretor municipal de 1929, sendo gerida em conjunto aos parques, bosques e jardins urbanos recém criados, através de categorias de áreas verdes, com o propósito de promover uma ampla integração entre a urbanização e a vegetação. Syse (2016, p. 46) cita esse fato ao destacar que a primeira metade do século XX foi bastante pródiga por representar o início de uma gama de ações abrangendo as áreas suburbanas, interurbanas e florestais (SYSE, 2016). Segundo a autora, a confecção do plano diretor de 1929 previa uma abordagem sistêmica, formando um sistema de parques coeso (SYSE, 2016).

Nessa perspectiva, as áreas que faziam parte da Oslomarka passaram a pertencer ao sistema de parques, não somente por serem um local extremamente relevante para a população (que mantinha uma forte relação histórica com o lugar), mas também, por causa dos aspectos físicos que indicariam um risco à cidade, na hipótese de a expansão urbana se propagar pela área da floresta (THORÉN, 2016). De acordo com Thorén (2016, p. 23), por meio de uma decisão municipal, foram realizadas pesquisas de cunho técnico-científicas no ano de 1934, resultando na limitação do desenvolvimento urbano em Oslo para evitar uma grande pressão aos corpos hídricos que abasteciam a cidade (THOREN, 2016).

Por isso, os autores Næs, Næss e Strand (2011, p. 113-120), argumentam que a fronteira simbolizada pela floresta foi primeiramente regimentada no Plano Municipal da cidade em



1936, e esse fato quase não sofreu modificações até a contemporaneidade² (NÆS; NÆSS; STRAND, 2011). Para esses autores, isso se deve tanto às dinâmicas conjuntas do planejamento urbano e ambiental ocorridas ao longo do século XX, como também a concepção urbanística a partir de 1980, que contribuiu para a efetivação de uma política de aumento da densidade em áreas já plenamente urbanizadas, evitando a conversão de novas terras (pertencentes a floresta e ao espaço rural), em áreas urbanas.

Dessa forma, a política urbana de Oslo, sobretudo ao final do século XX, foi marcada por um desenvolvimento urbano super concentrado, o que, segundo Jørgensen (2018), acabou por influenciar no declínio da política de implementação de parques entre os anos de 1980 e 1990, gerando uma lacuna de investimentos ao legado de Røhne e Hals (JØRGENSEN, 2018). Porém, os autores Næs, Næss e Strand (2011) e Thorén e Aradi (2010), definem esse mesmo período como o pontapé inicial no desdobramento de políticas públicas relacionadas à sustentabilidade urbana, apesar de o objetivo não ser exatamente a construção de mais parques e jardins urbanos, o foco era dado numa maior integração entre os espaços verdes já existentes, com ênfase ao acesso da população por meio de uma ampla rede de transportes públicos, como o exemplo da expansão das linhas de metrô para diversos pontos, dentre eles os limites da Oslomarka, e os transportes marítimos para as ilhas (importantes espaços verdes) do fiorde de Oslo (THORÉN; ARADI, 2010, p. 1).

3.2 Políticas urbanas contemporâneas

Podemos inferir que o declínio no legado das políticas do sistema de parques, abordado por Jørgensen (2018), esteja relacionado ao que os autores Røe e Luccarelli (2016), afirmam sobre a densificação de Oslo atualmente. Segundo eles, ao tornar a cidade mais densa e voltada para um trânsito mais eficiente, pode haver um maior comprometimento dos núcleos de vegetação pertencentes a pequenos jardins e praças, representando um paradoxo entre os planejadores urbanos locais. Por isso, a melhor maneira para lidar com esse conflito seria abordar a cidade de uma forma mais ampla, considerando sua história e os aspectos socioculturais da população que estão em constante processo de transformação, enxergando as possibilidades para tornar Oslo uma cidade melhor (RØE; LUCCARELLI, 2016, p. 2).

É interessante notar que o ano de 1987 foi um marco para o pensamento voltado à sustentabilidade, por conta da realização da Conferência das Nações Unidas em Oslo. Durante o evento, com a apresentação do famoso relatório Bruntland³, ocorreram ainda mais modificações no fazer urbano local, em termos de densidade populacional e construção civil, e a cidade teve um crescimento exponencial, que vem atingido seu ápice no século XXI. Entretanto, a característica principal é que isso ocorreu sem a expansão da terra urbana (NÆS; NÆSS; STRAND, 2011), pois a urbanização foi compactada em centros urbanos específicos, amplificando a infraestrutura de transportes, serviços e habitação.

De acordo com Næs, Næss e Strand (2011), existem circunstâncias históricas que explicam a preferência dos planejadores contemporâneos à política de densidade populacional. Primordialmente, há o risco de um custo bastante elevado aos cofres públicos em infraestrutura, tendo em vista que o sudeste norueguês é marcado por um terreno rochoso, dificultando a conversão das áreas florestais em terras urbanas. Além disso, as políticas nacionais envolvendo questões ambientais não deixam brechas para o remanejamento de áreas agrícolas para outros

² Porém, apenas em 2009, a Oslomarka obteve a sua lei própria – a Markaloven (BUGGE; REUSCH, 2010). Legislação onde foram mapeadas as áreas fronteiriças da floresta em relação à cidade de Oslo e o subúrbio.

³ No contexto global, o termo desenvolvimento sustentável apareceu pela primeira vez neste relatório.



fins, porque a Noruega tem uma escassez em áreas agricultáveis⁴, fato que torna a política de densificação mais rentável ao contexto urbano (NÆS; NÆSS; STRAND ,2011).

Em busca de compreender melhor as estratégias de planejamento urbano atuais sob a ótica da prática urbana, foi realizada uma entrevista em 2020, com a profissional Ellen de Vibe, onde foram discutidas questões relacionadas às políticas urbanas conduzidas em Oslo durante os 20 anos em que ela exerceu o cargo de urbanista da cidade. Dentre os aspectos discutidos, ela ressaltou o processo de indicação de Oslo como “Capital verde da Europa”, ocorrido em 2019, no qual De Vibe afirmou que a nomeação se deu em função de toda a história do planejamento urbano e ambiental de Oslo, isto é, o “prêmio” foi pelas práticas urbanas que aconteceriam de qualquer maneira, mesmo se não houvesse tal premiação.

Durante seu relato, De Vibe citou, por exemplo, as diretrizes aprovadas pela Câmara Municipal (*Kommunedelplan til torg og møteplasser*) no ano de 2009, para a elaboração de um novo Plano Diretor (à época), que incluísse as bases para um arruamento permeado pela infraestrutura verde e azul. Além disso, ela afirmou que a cidade possui uma legislação que prevê o oferecimento de 1000m² de espaço público por 20000m² de área construída, pois quanto mais denso é um espaço, mas relevante se torna o espaço público. A pesquisadora também abordou as modificações nos focos de atuação urbanística nesse início de século XXI, onde por exemplo, foi feita uma transição entre a construção de edifícios individuais às redes de ruas e espaços públicos.

Segundo De Vibe, ocorreu um plano estrutural para a área da Oslomarka em conjunto a dez rios da cidade, e o tratamento de águas superficiais. Ela também ressaltou que apesar do foco da política urbana continuar sendo a densificação, a cidade de Oslo não é tão densa quanto outras capitais europeias, uma vez que possui apenas 1/4 da densidade de Copenhague e 1/10 da de Paris e, por isso, no caso da capital norueguesa, sua paisagem ainda é essencialmente verde.

Para De Vibe, isso se explica pelo fato de a Noruega não ter uma longa tradição urbana, e pela população guardar um vínculo muito próximo com a natureza (esse aspecto se relaciona ao contexto sociocultural mostrado na introdução deste artigo). Tendo em vista que, no geral, os noruegueses anseiam pelas florestas urbanas e pelas cabanas (segundas residências) nas montanhas, os espaços verdes públicos são, de acordo com De Vibe, historicamente relevantes, sendo usados usualmente no cotidiano, independente do clima.

4 O AZUL, O VERDE E A CIDADE NO MEIO- RESULTADOS DA PESQUISA

De acordo com Sassen (2008, p. 7), na contemporaneidade, as cidades têm desempenhado um papel fundamental no contexto geopolítico global, onde muitas ações econômicas e culturais são realizadas com foco no espaço urbano, e não necessariamente nos Estados-Nação. Isso também é debatido pelo autor David Harvey (2012), ao dizer que:

Então, nossas cidades são projetadas para as pessoas ou para os lucros? O fato de tal questão ser colocada com tanta frequência nos leva imediatamente para o terreno da grande variedade de lutas sociais e de classe na formação do lugar. Estas são as paisagens em que a vida diária tem de ser vivida, as relações afetivas e solidariedades sociais são estabelecidas e as subjetividades políticas e os significados simbólicos são construídos. Os interesses da classe capitalista e dos desenvolvedores são conscientes dessa dimensão e procuram mobilizá-la por meio do apoio à comunidade ou à cidade e da promoção deliberada de um sentido de identidade local ou

⁴ As áreas com potencial agrícola representam apenas cerca de 3% do território nacional norueguês.

regional, fundamentando-se às vezes com sucesso sobre as sensibilidades populares derivadas das fortes relações com a terra e o lugar (Harvey, 2012, p. 271).

Nesse sentido, cabe destacar que Oslo já passava por um processo sociocultural de desenvolvimento e aprimoramento de sua natureza urbana, como pôde ser verificado nas referências bibliográficas abordadas durante esta pesquisa, e no relato da urbanista norueguesa Ellen de Vibe. Porém, foi justamente essa base histórica e cultural que proporcionou a diferenciação da cidade frente a outros contextos urbanos que também concorriam ao prêmio de Capital Verde da Europa no ano de 2019.

É interessante notar que esse foi o período no qual uma famosa expressão, comumente usada pelos habitantes da cidade, ganhou uma projeção internacional, que podemos considerar também como a diferenciação capitalista do contexto urbano, como Harvey analisa. A expressão: “o azul, o verde e a cidade no meio”, se tornou corriqueira no vocabulário midiático, por proporcionar uma imagem nítida da paisagem urbana de Oslo no imaginário social global. Esse fato pode ser observado no mapeamento colaborativo da cidade, realizado uma vez a cada ano, pelo grupo USE-IT Oslo, composto por jovens habitantes da cidade. Como exemplo, no mapeamento confeccionado em 2018 (ou seja, um ano antes da titularização de *Capital Verde*), podemos ler o trecho:

O azul, o verde e a cidade no meio...

... isso é o que o nosso prefeito falava sobre Oslo. A cidade é envolta por floresta e água. Na realidade, Oslo é 60 % área de floresta, e nós Osloites, gostamos de passar muito tempo ao ar livre na floresta urbana. Nós denominamos a floresta de Marka, em norueguês, e lá é um local com boa sinalização das rotas de caminhada, de maneira que não dá para se perder na floresta. Você irá encontrar muitos caminhantes alegres pela Oslomarka. Um fato engraçado: os noruegueses dizem oi, ao se encontrarem com outras pessoas nas trilhas de caminhada das florestas ou montanhas, embora o mesmo não ocorra, quando estão nas ruas (USE-IT Oslo, 2018, p.2. Tradução livre).

Figura 2: O azul, o verde e a cidade no meio



Fonte: Mapa confeccionado pela USE-IT Oslo, no ano de 2018, p. 2.

Adicionalmente, em 2021, o mesmo grupo USE-IT Oslo, ao atualizar o mapa da cidade, deu ênfase ao sistema de parques de Oslo. Nesse exemplo, ainda se mantém o caráter verde da imagem da cidade, como pode ser notado no trecho a seguir, e na imagem abaixo, sobre a *Vida de Parque*: “Nós frequentamos os parques como eles fizessem parte do nosso próprio quintal de casa. Venha conosco para curtir uma cerveja num piquenique durante o verão, ou descer as colinas de trenó, e depois se aquecer com um chocolate quente, no inverno” (USE-IT OSLO, 2021, p. 5, tradução livre).

Figura 3: Vida de parque



Fonte: Mapa confeccionado pela USE-IT Oslo, no ano de 2021, p. 5.

Dentro desse contexto de representação cartográfica, o autor Laurent Jégou (2016) argumenta que a eficácia de um mapeamento é considerada a partir de sua capacidade de transmitir uma informação ou um conteúdo espacial, sendo esses aspectos sempre algo culturalmente produzidos. De acordo com Jégou, a cartografia é uma invenção gráfica, que generaliza um espaço geográfico com base em escolhas socioculturais, influenciando na (re) produção de uma ou várias imagens, para o desenvolvimento da memória espacial (JÉGOU, 2016). Por isso, as cartografias que vêm sendo produzidas nesses exemplos de mapeamento abordados acima, contribuem para reproduzir as imagens da cidade de Oslo, enquanto uma cidade essencialmente verde.

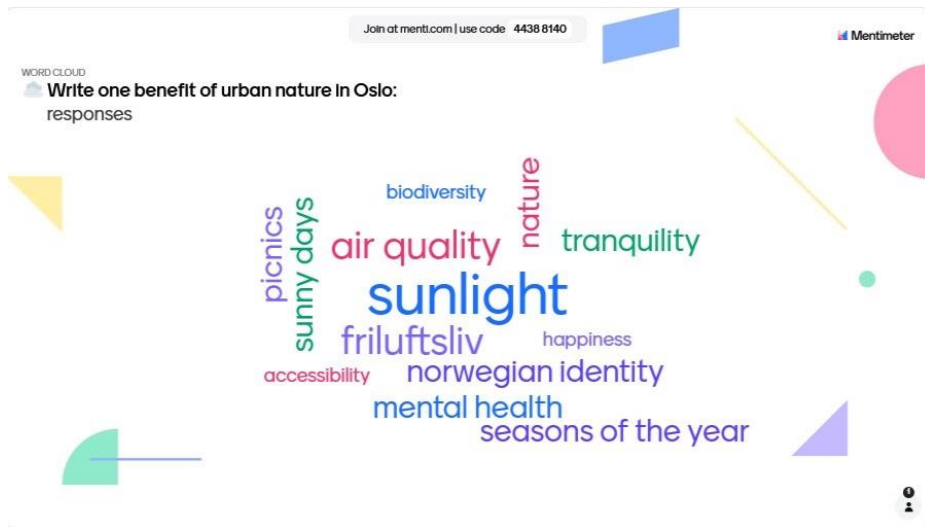
Sendo assim, a partir do panorama de consciência individual e coletiva de pertencimento a um contexto urbano permeado pelo componente verde da paisagem, a presente investigação pôde verificar, por meio das entrevistas realizadas com um grupo de habitantes da capital norueguesa⁵, a ocorrência de um conjunto de valores socioculturais sobre a relevância dos espaços verdes para a vida cotidiana das pessoas. Apesar de as vivências e percepções ambientais serem diferentes de acordo com cada entrevistado, existe um aspecto semelhante nas respostas, no que tange o benefício para a saúde física e mental promovido pela disponibilidade de espaços de natureza urbana em Oslo. Dessa forma, foi empregado o mecanismo da *nuvem de palavras*, disponível no website *Mentimeter*, com o intuito de mostrar os vocábulos⁶ mais pronunciados nas entrevistas, como pode ser visualizado na imagem a seguir.

⁵ As entrevistas ocorreram em língua inglesa, por meio de conversas por ZOOM, WhatsApp, ou e-mail, de acordo com a preferência de cada entrevistado.

⁶ Esses vocábulos estão representados em tamanhos diferentes, e em ordem crescente, indicando as palavras mais citadas durante as entrevistas.



Figura 4: Nuvem de palavras sobre percepção ambiental da natureza urbana em Oslo



Fonte: Respostas dos entrevistados no website Mentimeter, arquivo pessoal, 2021.

Por conseguinte, pode-se analisar que a natureza urbana representa espaços multifuncionais na paisagem de Oslo. Isso pode ser percebido nas distintas palavras usadas e que fazem referência a situações e usos sociais diferentes do espaço urbano, mas que ao mesmo tempo, indicam benefícios à vida pessoal das pessoas, estando relacionados ao bem-estar coletivo e individual, e possuindo conexão às imagens retratadas pelos dois mapeamentos abordados nas análises feitas acima, bem como à bibliografia a respeito do contexto de criação e manutenção das políticas urbanas de planejamento da cidade. Dessa maneira, com base nas palavras/expressões salientadas na nuvem de palavras, foi possível elenca-las em três índices:

Tabela 1: Índices de valores e benefícios da natureza urbana em Oslo

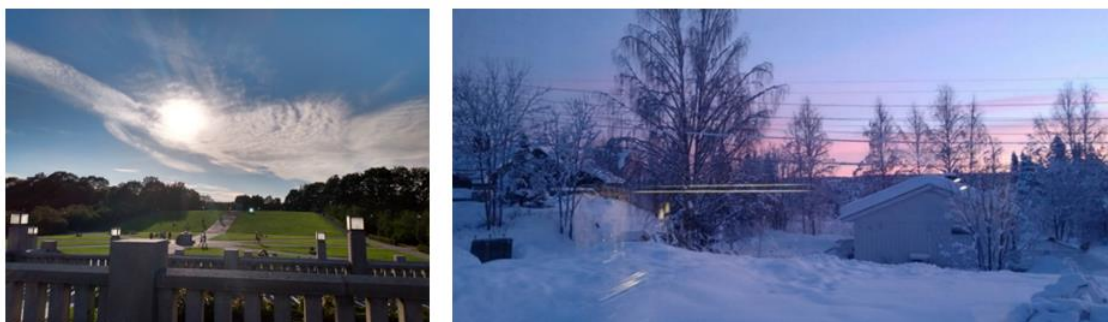
• Valores socioambientais:	• Valores culturais :	• Benefícios sociais :
<ul style="list-style-type: none">• Luz do sol,• Dias ensolarados,• Biodiversidade,• Estações do ano,• contato com a natureza,• Qualidade do ar.	<ul style="list-style-type: none">• Identidade da Noruega,• Friluftsliv,• Piqueniques.	<ul style="list-style-type: none">• Saúde mental,• Acessibilidade,• Tranquilidade,• Felicidade.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Conseqüentemente, os resultados demonstram como os valores socioambientais são condições que o meio ambiente tem em relação à percepção ambiental da sociedade, dentro de um contexto cultural e histórico. Paralelamente, os benefícios sociais são o estado de bem-estar da população em função da existência dos valores socioambientais e culturais, indicando que todos

os vocábulos/expressões citados devem ser considerados em conjunto, para uma análise mais enriquecedora da natureza urbana da cidade de Oslo. A título de ilustração, o fortalecimento da saúde mental e as sensações de felicidade e tranquilidade, não são questões que possam ser efetivamente quantificadas, pois estão no nível da subjetividade de cada indivíduo. Porém, sabemos que esses benefícios sociais dependem dos valores socioambientais e culturais averiguados, como a ocorrência da biodiversidade, da luz do sol, da qualidade do ar e do acompanhamento das estações do ano, em relação à identidade da Noruega, o hábito de fazer piqueniques e a importância do *friluftsliv* para o cotidiano norueguês, gerando o bem-estar.

Figura 5: Luz do sol às 21h, no Parque Frogner durante o verão/ Luz do sol no inverno



Fonte: Arquivo pessoal, 2019

Dessa maneira, o sentido sociocultural que a luz do sol tem se refere à relação que existe entre a disponibilidade de luz e a vontade de sair para um local atrativo, tanto nos meses de verão, onde a duração do sol é de quase 24h por dia, como também nos meses de inverno, onde os níveis de luminosidade se reduzem bastante no país como um todo. Sendo assim, é fundamental que haja acessibilidade aos espaços verdes para que a população consiga usufruir de atividades ao ar livre, seja nos dias mais longos, como nos dias mais curtos e frios. De forma adicional, as estações são melhor admiradas, justamente por causa dos espaços verdes, e a percepção ambiental se modifica à medida que a paisagem urbana vai ganhando novos tons e cores, influenciando a saúde mental das pessoas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto foi possível compreender como a natureza urbana em Oslo passou por inúmeras ressignificações no decorrer da história recente da Noruega. Por meio do termo *friluftsliv* e de movimentos artísticos da pintura e da literatura norueguesa, verificamos como a relevância da natureza se deslocou de apenas um ambiente fora dos limites das cidades, para um ambiente intraurbano, em um panorama de urbanização tardia frente à um espaço rural forte. Esse fato foi muito importante para a constituição da paisagem das cidades do país, sobretudo Oslo.

Nesse contexto, alguns personagens essenciais do planejamento urbano e ambiental norueguês do século XX foram analisados, a fim de identificar as formas pelas quais Oslo lidou com seu espaço urbano, englobando um amplo sistema de parques e espaços verdes, que influenciam a percepção da paisagem até a contemporaneidade. Essa abordagem de uma paisagem verde, além de uma eficiente rede de transportes públicos e serviços, contribuiu também para a premiação da cidade com o título de Capital Verde da Europa, no ano de 2019.



Portanto, apesar da cultura de acesso à natureza proporcionar a diferenciação de Oslo dentro de um contexto mercadológico de competição capitalista entre cidades, isso não significa que a paisagem da cidade seja *verde* apenas no âmbito da propaganda. Ao contrário, as entrevistas e demais fontes primárias investigadas ao longo desta pesquisa indicam que essa cultura de inserção da natureza urbana no cotidiano das práticas urbanas locais faz parte do histórico sociocultural do país, sendo relevante para a vida diária da população, independente dos interesses do modelo econômico vigente.

REFERÊNCIAS

BRUNDTLAND, Gro Harlem. **Relatório Brundtland**. Our Common Future. New York: United Nations, 1987.

BUGGE, J.; REUSCH, C. **Handbook for the Marka Source link for Markaloven**. Oslo og Omland Friluftsråd. Oslo, 2010.

ELGVIN, Dag T. **Henrik Ibsen's use of 'Friluftsliv'**. Stjørdal: North Trøndelag University College. 2009.

HARVEY, David. **O enigma do capital**. Boitempo editorial, v.1, p. 1-238, 2012.

JÉGOU, Laurent. **L'imagination esthétique dans la conception graphique des cartes: proposition de typologie illustrée**. Temps, art & cartographie, la sémiologie dans tous les sens, Strasbourg, 2016.

JØRGENSEN, Karsten. **Landscape architecture in Norway: a playful adaption to a sturdy nature**. Landscape architecture China, Oslo p. 34-43. 2011.

JØRGENSEN, Karsten. **Nature and garden art in Norway**. The Journal of Garden History, London, v. 17, n. 4, p. 245-266, 1997.

JØRGENSEN, Karsten. **Park politics in Oslo 1920-1940**. SPOOL, Zwaag, v. 5, n. 2, 2018.

MUNCH, Edvard. **Solen**. Reprodução em cartão postal. 1911

NÆSS, Petter; NÆSS, Teresa; STRAND, Arvid. **Oslo's farewell to urban sprawl**. European Planning Studies, London, v. 19, n. 1, p. 113-139, 2011.

OSLO, **mapa turístico**. USE-IT, Oslo, 2018, mapa impresso, p. 1-8, cor, 79 x 95 cm.

OSLO, **mapa turístico**. USE-IT, Oslo, 2018, mapa impresso, p. 1-8, cor, 79 x 95 cm.

RØE, Per Gunnar; LUCCARELLI, Mark. **Green Oslo: visions, planning and discourse**. Routledge, 2016.

SASSEN, Saskia. **As diferentes especializações das cidades globais**. Arquitectos, São Paulo, v. 9, 2008.

KJEGGEDAL, Terje; VISTAD, Odd Inge; THORÉN, Kine Halvorsen. **Planlegging for nærtur og folkehelse**. Kart og Plan, Oslo, v. 112, n. 4, p. 241-257, 2019.

SYSE, Karen V. Lykke. **Oslo: a city framed by forest**. In: LUCARELI, Mark; RØE, Per G. Green Oslo: Visions, Planning, Discourse. Abingdon-on-Thames: Routledge, 2016. p. 71-80.

THORÉN, Kine Halvorsen; ARADI, Renata. **Green structure planning**. A Norwegian approach. In: FÁBOS CONFERENCE ON LANDSCAPE AND GREENWAY PLANNING, 2010. Proceeding. Oslo, 2010.

THORÉN, Kine Halvorsen. **Grønnstruktur i norsk tapping. Idégrunnlag og inspirasjoner**. Nordic Journal of Architectural Research, Oslo, v. 28, n. 1, 2016.